

EDITORIAL

Os nove dias da 35ª Expointer, realizada no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio, reafirmaram a coragem e a força dos homens e mulheres do campo do Rio Grande do Sul na busca pela recuperação do setor após um primeiro semestre marcado pelos prejuízos e frustrações trazidos pela severa estiagem que assolou o sul do País.

Impulsionados pela vocação para o empreendedorismo e para a produção, agricultores e pecuaristas dos quatro cantos do Estado compareceram ao evento mostrando disposição para investir na ampliação e na qualificação de suas lavouras e rebanhos.

Graças a essa força, a exposição foi encerrada registrando elevação dos negócios nos remates e nos estandes de máquinas e implementos agrícolas. Foram mais de R\$ 2 bilhões em vendas encaminhadas na área de maquinário e mais de R\$ 13 milhões em aquisições de animais, o que aponta expectativas positivas para o ciclo 2012/2013.

Foi uma grande demonstração de que, mesmo depois de enfrentar obstáculos expressivos como o clima adverso e a dificuldade para quitar débitos, o produtor rural já está em pé novamente, confiante em uma safra de boas notícias.

Os preços em alta das commodities agrícolas incentivam o cultivo de grãos e os baixos estoques de passagem do arroz devem minimizar as dificuldades dos arrozeiros com o preço na hora da comercialização. Da mesma forma, a pecuária também espera por um cenário de produtos valorizados, acompanhando a forte demanda do mercado.

O clima também deve colaborar. Depois de uma safra de precipitações escassas, para este ano é esperada a ocorrência do fenômeno climático El Niño, trazendo chuvas mais frequentes para a Região Sul.

Outro sinal de dias melhores veio da confirmação da prorrogação de dívidas de agricultores prejudicados pela seca. Iniciativa do governo federal que atende a uma reivindicação que começou no campo e recebeu apoio de todos os setores da economia do Rio Grande do Sul em encontro que reuniu o governador Tarso Genro e dirigentes empresariais como os presidentes da Fiergs, Heitor Müller; da Federasul, Ricardo Russowsky; da FCDL, Vitor Koch; e o vice-presidente da Fecomércio, Nelson Lídio Nunes.

Beneficiados pelo alongamento dos débitos, os produtores agora contam com um cenário mais estável para semear as lavouras e planejar a comercialização, buscando a rentabilidade perdida nos campos secos do último verão.

Agora, é a hora de colocar máquinas e animais no campo para, com muito trabalho, buscar a produção que tanto orgulha nosso povo e tanto fortalece a economia. Mas além de arregasar as mangas, o produtor precisa se manter vigilante para, sempre que preciso, unir forças para buscar a implantação das medidas necessárias para garantir o bom andamento do plantio, da colheita e da comercialização.

Uma nova abertura dos portos

Senadora Kátia Abreu*

Após vencer a inflação e as restrições cambiais que inibiam o crescimento econômico, o Brasil está descobrindo que é preciso superar outras restrições importantes para crescer a taxas mais elevadas.

Numa economia globalizada, a atividade produtiva só consegue se desenvolver sendo competitiva em relação ao resto do mundo. Nesse aspecto, o Brasil vinha fazendo pouco nos últimos 30 anos. A lista dos problemas é extensa -entre eles as deficiências do sistema portuário, especialmente em relação à produção do agronegócio.

Nos últimos anos, houve forte mudança na geografia da nossa produção de grãos. As regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste que, em 2001, respondiam por 32% da produção de soja e de milho, são responsáveis, hoje, por 52% do total.

Esse deslocamento da produção tende a se acentuar no futuro. No entanto, seu escoamento é realizado predominantemente pelos portos do Sul e do Sudeste, sobretudo São Francisco do Sul, Paranaguá e Santos.

Por esses portos, saíram 85,9% dos 58,3 milhões de toneladas exportadas em 2011. Enquanto isso, os portos do Arco Norte, de Porto Velho a São Luís, somados a Salvador, responderam por apenas 14,1% do total embarcado para o exterior, devido à carência de infraestrutura adequada e de acessos por rodovia, ferrovia ou hidrovia.

Como a nossa produção de grãos está cada vez mais distante dos portos disponíveis, é fortemente afetada pelos custos

do transporte rodoviário.

Estudos realizados pela Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (Anec) indicam que, em média, os custos do transporte rodoviário no Brasil (US\$ 85 por tonelada) são quase três vezes maiores dos que os que incidem sobre os produtores norte-americanos (US\$ 23 por tonelada) devido às diferenças nas distâncias percorridas.

Além dos custos decorrentes da distância entre produção e porto, as ineficiências nos congestionados portos brasileiros

O Brasil precisa, definitivamente, de uma nova abertura dos portos para garantir competitividade e liderança no mercado mundial. Confiamos que seja agora.

também punem a produção.

No relatório "The Global Competitiveness Report", do Fórum Econômico Mundial, o Brasil está na 130ª colocação no ranking de eficiência/qualidade portuária. No mesmo ranking, os procedimentos alfandegários estão na 124ª posição, sendo os grandes responsáveis pela baixa competitividade brasileira em relação ao restante do mundo. Assim, nossos produtores, tanto na agricultura como na indústria, podem ser considerados verdadeiros heróis quando vendem para o exterior.

Para viabilizar os investimentos nos portos do Arco Norte -especialmente Porto Velho, Santarém, Belém (Outeiro) e São Luiz- e suas ligações com as áreas de produção, com ênfase no aproveitamento dos grandes sistemas fluviais dos

rios Madeira, Tapajós e Tocantins, é preciso redesenhar as tradicionais prioridades do sistema de transporte do país.

É importante ressaltar o novo olhar estratégico que o governo federal dirige ao Brasil que existe acima do paralelo 16. O Ministério dos Transportes vem priorizando a rodovia Cuiabá-Santarém, bem como a hidrovia do Tocantins, cujos estudos de viabilidade técnica, econômica e ambiental estão em fase adiantada.

A ampliação dos portos de Outeiro e Itaqui está em pleno andamento e poderá, em breve, receber boa parte da produção da região.

Um grupo de trabalho coordenado pela Casa Civil da Presidência da República e liderado pela ministra Gleisi Hoffmann, com a participação de todos os segmentos da produção, vem estudando os gargalos em busca de soluções para a modernização dos portos, permitindo que olhemos com otimismo para o futuro.

Mas conceder serviço público à iniciativa privada não deve significar, simplesmente, trocar um monopólio por outro. Um bom começo, na área dos portos, seria a revogação do decreto nº 6.620, de 2008, com a finalidade de incentivar o setor privado e estimular verdadeiramente a livre concorrência.

O Brasil precisa, definitivamente, de uma nova abertura dos portos para garantir competitividade e liderança no mercado mundial. Confiamos que seja agora.

*Presidente da CNA,

publicado no

Jornal Folha de São Paulo

EXPEDIENTE

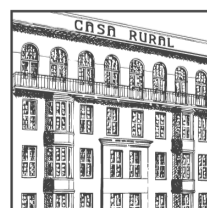
SISTEMA FARSUL



Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul



Rio Grande do Sul



CASA RURAL
CENTRO DO AGRONEGÓCIO

FARSUL

Presidente:

Carlos Rivaci Sperotto

Vice-presidente:

Gedeão Silveira Pereira

Diretor Administrativo:

Francisco Lineu Schardong

Diretor Financeiro:

Jorge Rodrigues

SENAR-RS

Presidente:

Carlos Rivaci Sperotto

Superintendente:

Gilmar Tietböhl

Divisão Técnica:

João Augusto Telles

Div. Planejamento e Projetos:

Saulo Gomes

Div. Administração e Finanças:

Carlos Alberto Schütz

JORNAL SUL RURAL

Diretor: Décio Rosa Marimon

Jornalista responsável:

Sebastião Ribeiro (MTb/RS 11.009)

Fotos: Tiago Francisco, Emerson

Foguinho e Arquivo

Colaboração: Alessandra Bergmann

e Tiago Francisco

Circulação Mensal

Tiragem: 35.000 exemplares

Administração, redação e comercial: Praça Saint Pastous, 125 - Fone: (51) 3214.4400

Fax: (51) 3221.9113 e-mail: sulrural@farsul.org.br - Porto Alegre/RS - Cep 90050-390